

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: JER 00001

Data: 04/12/73

Pg.: _____

Os vaqueiros mentem e o sertanista compreende

O depoimento de Zilda, uma sertaneja rija, de 45 anos, é corroborado por Dulceclina, sua sobrinha, que ali também reside em companhia do marido, Darlon, e de um filho de sete meses. A sua descrição é mais convincente. Apoena fica com pressa de explorar o local:

— Eles são bem altos e usam dois enfeites de penas, um na altura do torax e outro sobre o pubis. Sua cor é preta, mas seus cabelos, muitos longos, parecem ser de gente branca. Acho que eles estavam querendo roubar meu filhinho. Deus me livre e guarde desses demônios.

Depois de ouvir as histórias, o sertanista resolveu entrar na mata.

Foi uma caminhada de mais de quatro horas, numa região infestada por cascavéis e insetos peçonhentos. Após a marcha, uma constatação frustrante: os Avá não haviam estado naquela área, pelo menos nos últimos três meses. Era o que a ausência de rastros ou quaisquer outros sinais atestavam. Mais tarde, na sede da Canuanã, soube-se que as informações do vaqueiro Antônio Maria e família não passavam de fanta-

slas destinadas a encobrir o desejo veemente de que a gerência da fazenda os transferisse para a sede da propriedade, onde receberiam serviço mais leve e uma confortável residência de alvenaria, com luz elétrica e água encanada. "Prefensão muito justa", concordou inclusive Apoena, ainda que aborrecido com a noite mal dormida em redor da casa e a penosa marcha onde os seus experimentados olhos de sertanista não encontraram nenhum sinal dos Avá.

Na aldeia dos Javaés, índios contatados há mais de 50 anos, Apoena encontrou um surpreendente clima de apreensão. Pacíficos, os Javaés, consanguíneos dos Karajás, temem bastante aos Avá, a quem chamam de "Caras Pretas". Com Alberlino, encarregado do posto da Funai naquela área, o sertanista ficou

sabendo que é quase certo encontrar os Canosiros durante o período de chuvas que já se inicia. Para fugir às inundações, os índios refugiam-se num terreno elevado situado entre os limites das fazendas Canuanã e Lago Bonito, quase 100 quilômetros em linha reta.

Junto à fazenda Lago Bonito existe um povoado de menos de 100 habitantes chamado "Dorilandia" em homenagem ao pecuarista Dorival Roriz, antigo proprietário das terras onde se localiza a vila, fundada em 1963. Hoje, o povoado praticamente pertence ao comerciante mineiro Joaquim Rodrigues, proprietário do único armazém e autoridade máxima na vila. Ele afirma que a pequena população tem os Avá e, que a chegada de Apoena, desta forma, vem trazer um pouco de tranquilidade. O que se observa é que existe um clima de quase pânico em relação aos índios que, até hoje, pelo que se sabe, apesar de todas as histórias, jamais mataram alguém. Ao contrário, vivem a fugir desesperadamente das perseguições promovidas

por fazendeiros da região, que chegam a empregar cães de caça especialmente treinados para farejá-los e acuá-los.

— Moço — diz o comerciante — se o senhor quiser pegar os "Caras Pretas" essa é a melhor época, nas chuvas, quando eles se escondem na elevação, que nós chamamos aqui de Mata Azul. Ali nós já encontramos restos de antigos acampamentos e muitos rastros. O nosso medo é que esses danados resolvam atacar a vila e roubar todos as crianças. Eles não são cristãos e bem podem fazer isso. Tomara que o senhor os caça logo.

Não agrada a Apoena ser confundido com "caçador" de índios. Ele observa sobre o sujo balcão do armazém de Rodrigues uma flecha com ponta de metal. Indaga ao comerciante como a conseguiu e o homem, como querendo evitá-lo, responde nervosamente que a flecha lhe havia sido presenteada por Pio, o gerente da fazenda Lago Bonito.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil

Class.: JEPR00001

Data: 04/12/73

Pg.: (Cont.)

Ilha do Bananal — Os javaés viviam antigamente onde hoje está instalada a fazenda Canuanã, no Município de Formoso do Araguaia. A dissidência com os carajás, dos quais procedem, teria ocorrido há cerca de 100 anos, por desavenças em torno de liderança.

Os mais velhos da tribo contam que nos últimos 50 anos as lutas com os tori — civilizados — se tornaram mais intensas. Isto provocou diversas mudanças de lugar, durante as quais muitos morreram.

Os índios perdiam roças, viam-se obrigados a abandonar terras férteis e rios piscosos, sempre fugindo dos tori. Por volta de 1942, abandonaram a área da fazenda de Canuanã e foram-se instalar na localidade de Aruari. Um outro grupo preferiu caminhar em direção de Barreira Branca, hoje um pequeno lugarejo, habitado por peões, vaqueiros e pequenos negociantes. Os javaés pertencem ao grupo linguístico *macro-gê*, o mesmo dos carajás.

Cerimônia

A cerimônia do Aruanã, deus supremo, dura três dias e, antes de começá-la, os índios buscam o mato, onde pescam e caçam.

O peixe e a caça apanhados fartamente serão servidos durante a festa. Geralmente a cerimônia do Aruanã coincide com noites enluaradas.

Os índios deixam suas malas, estendem suas esteiras e nelas se deitam com a mulher e os filhos. Enquanto pares, devidamente paramentados, circulam o pátio da aldeia, os índios deitados nas esteiras, fumam tranquilamente seus cigarros, e algumas vezes — hoje não tão comumente — praticam o ato sexual com suas mulheres. A cerimônia do Aruanã não pode ser feita após a morte de um grande capitão. Todas as prendas mostradas durante o Aruanã — mel, frutas — são oferecidas ao deus supremo dos javaés.

A noite, a cerimônia compreende apenas a parte social, lúdica, e aí as crianças e mulheres podem assisti-la. Aruanã é considerado um deus generoso, pródigo, e, se pune alguém, o faz sempre de forma justa e definitiva. Isto acontece se, por exemplo, algum dos participantes da cerimônia rir, paramentado. Nesse caso, ele será trucidado. Albertino Pereira Soares, um mineiro de 36 anos, ex-bancário, chefe do Posto dos Javaés, tem procurado evitar trucidamentos. Mas isso é um trabalho difícil e que exige cautela.

Duplas

Na parte social, lúdica, do Aruanã, há lutas entre os membros da tribo, e cada dupla que percorre a aldeia, representa um símbolo, um mito. Os índios javaés contam com cinco principais

signos, ligados a tipos específicos de ordens, orientações e conselhos, recebidos diretamente de Aruanã, pelo pajé. A estrutura social dos javaés repousa fortemente no sistema patriarcal.

Durante as caçadas e pescarias, quem conduz os anzóis, arcos, flechas e bordunas são as mulheres, enquanto os índios, pintados, cheios de colares, brincos, tocam flautas. Os peixes e animais caçados são depois trazidos também pelas mulheres; os

homens se limitam a pescá-los e flechá-los.

A cerimônia de Aruanã vincula-se à lenda da criação dos javaés. Esses índios teriam surgido do fundo da terra. Um dia um sê recusou a deixar o interior do chão, e tornou-se Aruanã, deus supremo de toda a tribo. Aruanã é benévolo; não pune ninguém por adultério, e permite mesmo que um único índio tenha mais de uma mulher, desde que disponha de recursos materiais e poder espiritual para tanto.